

Arafat é uma das personalidades políticas mais carismáticas da segunda metade do século passado e dos inícios deste. Lutou incansavelmente pela afirmação e pela independência do Estado Palestino. Conseguiu, plenamente, a primeira, e quase a segunda, quando dos acordos mediados pelo presidente Clinton, no final do mandato deste.

Foi um resistente e um combatente de uma coragem lendária. Escapou a vários atentados e acidentes. Durante mais de meio século, foi o líder incontestado do seu povo tão sacrificado e indómito.

Os seus adversários e inimigos acusam-no de terrorista. O líder israelita, Menahem Begin, que foi primeiro-ministro de Israel, também foi acusado de terrorista, nos tempos da ocupação inglesa. Sem esquecer o terrorismo de Estado de Israel que, depois dele, se tem praticado largamente. Quem, de relevo, naquela zona do Mundo, poderá fugir à acusação de terrorista – num momento ou outro – da evolução tão complexa e cruel do conflito israelo-palestino?

Arafat foi – muito justamente – galardoado, tendo recebido o Prémio Nobel da Paz ao lado de dois israelitas ilustres: Yitzhak Rabin e Shimon Peres. E, depois, em idênticas condições, recebeu o Prémio da Paz Houphouët-Boigny, de cujo júri sou vogal. Esses gestos simbólicos – e repetidos – deveriam ter contribuído para estimular o diálogo entre os dois campos, que então se tinham aproximado bastante e dialogado com utilidade.

Infelizmente, não chegaram à almejada paz. A História, por vezes, tem curvas, tremendamente inesperadas e complexas, que escapam à racionalidade, tornando-se muito difícil, depois, avaliar os comportamentos dos seus protagonistas. Yasser Arafat terá tido algumas culpas no momento final do processo. Terá cometido um erro de apreciação quanto ao limite das exigências aceitáveis por Israel. Mas, nesse plano, quem se atreverá a atirar-lhe a primeira pedra?...

Conheci Yasser Arafat a seguir ao 25 de Abril, quando veio a Portugal, com imensa curiosidade, “cheirar” a Revolução dos Cravos, fenómeno insólito, que surpreendeu toda a gente. E que contribuiu para mudar muita coisa na Europa, em África, na América Latina e mesmo no Mundo. Achei-o, para dizer a verdade, inesperadamente moderado, vivíssimo de espírito, ágil, aberto, simpático e compreendendo muito mais do que à primeira vista deixava perceber. Foi uma primeira impressão, num breve encontro. Particularmente cordial, mas que não passou disso. Encontrei-o depois algumas vezes mais, por coincidirmos em acontecimentos ocorridos em diversas regiões do Mundo. Falecimentos, celebrações, coisas assim. Sempre cordial e muito atento e interessado na evolução política portuguesa.

No entanto, houve dois momentos que nos ligaram especialmente. O primeiro, quando o fui visitar, à frente de uma delegação da Internacional Socialista, organizada por Willy Brandt, quando Arafat estava bloqueado em Beirute Ocidental, sob as bombas de Israel. Não foi fácil lá chegar. Só à terceira tentativa, com muita sorte, conseguimos. As duas primeiras tentativas, frustradas, ocorreram: quando chegámos, com a ajuda de Israel, a Beirute Oriental, mas depois não foi possível atravessar a fronteira bélica que então dividia a belíssima cidade; a segunda, quando tentamos passar, vindos da Síria, pelo vale de Becca.

Finalmente, partindo por mar de Chipre (parte grega) com a ajuda de Papandreu, então primeiro-ministro, num barco fantasma que ia – disseram-nos – a Beirute buscar os feridos palestinos mais graves. Depois de largas peripécias – entre as quais o desembarque de madrugada, no porto sírio de Latakia, de armamento pesado de origem soviética – e de termos sido interpelados por um navio de guerra judeu e por um “destroyer” americano. Conseguimos então atravessar a zona de combate em Beirute e passar para o outro lado, onde estava a OLP, sem ter ainda a certeza de encontrar Arafat. Instalámo-nos no Hotel Bristol, excelente, mas que tinha acabado de ser bombardeado pelos aviões de Israel. A zona central do hotel, dos elevadores e dos largos salões,

estava por completo destruída, literalmente em cinzas. Mas tinham improvisado uma escada de madeira e os quartos, nos pisos superiores, funcionavam: havia alguma luz, que de noite não devia filtrar-se pelas janelas bem calafetadas, telefone e água quente: um luxo! Esperámos aí quase dois dias, que viesse um sinal de Arafat. De noite ouviam-se as bombas cair por perto e a resposta impotente de alguma defesa antiaérea.

Subitamente, na segunda noite, julgo, de surpresa – veio o sinal: devíamos partir, imediatamente, em dois automóveis que nos foram buscar e que deslizavam na escuridão, sem luzes, numa cidade desconhecida onde não havia viv'alma, Beirute Oriental. Fomos. Verificámos depois, quando chegámos – sempre às escuras – que estávamos na sede da OLP completamente destruída, onde num “bunker”, numa das caves, se encontrava Arafat, sem haver cadeiras para todos, em condições deploráveis. Contudo, ele mostrava-se imperturbável, alerta, jovial, como se nos recebesse num palácio.

A conversa demorou mais de três horas: Arafat, quase sempre, respondeu às nossas perguntas, em duplo senso, para que o general soviético, que era uma presença silenciosa e atenta, não percebesse. Mas, curiosamente, esse tipo de conversa desorientou os meus camaradas nórdicos. Enquanto os latinos, compreendemos completamente a mensagem que Arafat nos quis transmitir. E era simples: ele queria negociar a paz com Israel e estava disposto a fazer concessões importantes. Foi a resposta que levámos ao Congresso da Internacional Socialista, que se realizou em Portugal, no Algarve, em Montechoro. Foi então que aí foi assassinado o enviado especial de Arafat, o Dr. Issam Sartawi, por um fanático extremista palestiniiano. Todo o esforço de paz ficou adiado...

O outro momento dramático que me liga por forma inesquecível a Arafat foi quando da visita oficial que fiz, como presidente de Portugal, a Israel e à Faixa de Gaza, em Novembro de 1995. A condição da minha visita era que pudesse encontrar, simultaneamente, as máximas autoridades dos dois povos. Fui recebido, com grande fraternidade, em Telavive e em Jerusalém, nomeadamente por Yitzhak Rabin e por Shimon Peres, além do presidente da República. Depois de um almoço cordialíssimo com Rabin (na sua residência de primeiro-ministro, em Jerusalém) parti, de automóvel, para Gaza, a menos de uma centena de quilómetros. Foi precisamente no dia em que Rabin foi assassinado em Telavive por um fanático judeu. O destino tem destes lances que mudam tudo, totalmente inesperados.

Estava a jantar em Gaza com Yasser Arafat quando, subitamente, chegou a terrível notícia: a morte de Rabin. Não se sabia quem era o assassino e temia-se que fosse um fanático muçulmano. Imagine-se a emoção e também a preocupação profunda e legítima...

Interrompeu-se o jantar e Yasser Arafat quis que eu o acompanhasse para o seu estado-maior. A ansiedade e a confusão – admitiu-se tudo, mesmo o pior – eram indescritíveis.

Finalmente, cerca das duas da manhã, chegou um telefonema de Shimon Peres para Yasser Arafat. Soube-se então que o assassino era um fanático judeu, o que tranquilizou todos. Peres quis falar directamente comigo. Relatou-me brevemente a situação de enorme angústia em Israel. Aconselhou-me a partir de Gaza às primeiras horas da manhã, para o sul, em direcção ao Egipto. Na fronteira, num centro de grande turismo, onde havia um aeroporto. Hosni Mubarak, estava prevenido e tomara as providências necessárias. Arafat esteve de acordo. Assim se fez.

António Guterres, primeiro-ministro, preocupadíssimo, conseguiu falar-me pelo telefone ainda em Gaza. A trágica notícia, em poucos minutos, tinha corrido o Mundo. Do Egipto, num avião emprestado por Mubarak fomos para o Cairo e daí, quando soubemos a hora dos funerais de Yitzhak Rabin, voltámos a Jerusalém, onde em nome de Portugal, assistimos à impressionante cerimónia. Lembro-me de ter encontrado Ariel Sharon, que conhecia de 1982 e de lhe ter falado brevemente.

A morte de Yasser Arafat, apesar de esperada, enche-me de tristeza e, simultaneamente, de preocupação. Morreu em Paris, tendo sido retirado in extremis de Ramallah, onde esteve sequestrado longos e terríveis meses. Vimos, pela televisão, imagens patéticas da sua chegada ao hospital de Paris. Um moribundo, que estranhamente conservava, devido a um esforço sobre-humano de vontade, os olhos vivíssimos e sempre, um sorriso cansado e que acenava, desajeitadamente, para a pequena multidão que o esperava. Essa imagem patética guardo-a na memória, inesquecível, como muitos milhões de outros telespectadores do Mundo inteiro.

Arafat morre como um herói e como um mártir. Continuará a ser o símbolo do seu povo, tão humilhado e atingido na sua dignidade. Creio, sinceramente, que aqueles que julgam que a violência cega pode resolver os difíceis problemas político-sociais que enfrentam ficarão desiludidos. O povo palestino sairá fortalecido desta nova provação!

Porto Alegre, 11 de Novembro de 2004

(sg. Jornal de Notícias, 12 de Novembro de 2004)